

Religião e tipos de união entre jovens em Minas Gerais

Táisa Domiciano Castanha¹

Ana Paula Verona²

O Brasil tem experimentado mudanças na formação da família e nos tipos de união, em especial, um aumento na proporção de casais que preferem a união consensual. Usando dados do censo de 2000, o objetivo deste artigo é examinar se existem diferenças no tipo de união (formal e informal) segundo religião em Minas Gerais entre as jovens de 15 a 24 anos. Os resultados obtidos a partir de regressões multivariadas mostram diferenciais importantes. Comparando com as católicas, jovens de igrejas protestantes (tradicionalistas e pentecostais) apresentam um risco bem inferior de estarem em uma união informal.

Palavras-chave: Religião, união informal, união formal, adolescentes, jovens

Área temática: Demografia

¹ Graduanda do curso de Ciências Sociais/UFMG

² Pós-doutoranda de demografia do Cedeplar/UFMG

Religião e tipos de união entre jovens em Minas Gerais

INTRODUÇÃO

A composição demográfica religiosa no Brasil vem sofrendo alterações significativas nas últimas décadas, reveladas pelo Censo de 1980, 1991 e 2000. Essas mudanças no contexto religioso brasileiro têm chamado a atenção dos pesquisadores para um aumento dos Protestantes, especialmente daqueles denominados Pentecostais, e também do grupo denominado sem religião. Nesse sentido, muitas pesquisas têm sido feitas tentando desvendar esses fenômenos ocorridos em tão pouco tempo.

Juntamente com a ampliação das declarações religiosas tem sido constatada mudanças importantes no comportamento sexual e reprodutivo da população brasileira nas últimas décadas. Um exemplo é o “rejuvenescimento da maternidade” no Brasil, tendo em vista a diminuição da fecundidade nas idades menos jovens (especialmente a partir dos 25 anos) e o aumento, e recente estagnação, da fecundidade entre as adolescentes entre 15 a 19 anos. Mudanças na idade ao casar têm sido, por outro lado, pouco expressivas no Brasil.

Diferentes grupos religiosos apresentam diferentes formas de abordar, principalmente entre os jovens, questões sobre sexo, casamento e filhos. Sabendo disso, o objetivo deste artigo é examinar a relação entre tipos de união (formal ou consensual) e a filiação religiosa. O grupo analisado será de jovens mulheres, entre 15 e 24 anos de idade no estado de Minas Gerais, já que historicamente este estado foi o reduto do catolicismo brasileiro devido à sua colonização. A fonte de dados utilizada é o Censo brasileiro de 2000.

MUDANÇAS NO CONTEXTO RELIGIOSO BRASILEIRO

A mudança no panorama religioso brasileiro tem desafiado sociólogos e demógrafos, e muitos trabalhos têm sido feitos desde que essa mudança foi constatada empiricamente pelos Censos. Segundo Pierucci (2002), com os dados do Censo 2000, o Brasil registra uma queda das religiões ditas tradicionais – Católica, Luterana e a Umbanda. Segundo o mesmo autor, em um artigo intitulado “Religião como solvente” (2006), ele afirma que “no Brasil atual, um dos aspectos mais salientes da ‘força social’ que ainda tem a religião (...) está justamente nessa sua capacidade estatisticamente comprovada de dissolver antigas pertencas e dilapidar linhagens religiosas estabelecidas” (Pierucci, 2006, p. 126). Ou seja, a dinâmica demográfica sofrida no campo religioso brasileiro se deve, segundo Pierucci, especialmente à capacidade das novas religiões, como as Pentecostais, de romper com laços tradicionais religiosos.

A divisão dos protestantes entre tradicionais e pentecostais se dá devido à ênfase doutrinária que estes delegam à passagem bíblica do livro Atos, no capítulo 2, na qual os apóstolos de Jesus Cristo receberam do Espírito Santo o dom de falar em línguas (glossolalia), o dom da cura, o dom da libertação pelo exorcismo e outras atitudes que os diferenciam dos protestantes tradicionais. Essa doutrina chegou ao Brasil através de imigrantes norte-americanos no início do século XX. Dentro desse grupo de pentecostais brasileiros há uma diversidade enorme de formas de organização, orientações teológicas, doutrinárias e até políticas, que implica em uma variedade de classificação até mesmo no meio acadêmico³. Seguindo a classificação de Freston (1994) pela história da institucionalização das igrejas, tem-se 3 ondas pentecostais: a primeira onda se deu na década de 1910, com a chegada das igrejas Congregação Cristã e Assembléia de Deus, cuja ênfase se dá às línguas estranhas. A

³ Ricardo Mariano, por exemplo, faz uma crítica à classificação feita por Freston (1994), alegando que muitas igrejas surgidas no contexto da década de 70 não podem ser agrupadas no grupo da terceira onda, pois teologicamente compartilham com a primeira ou a segunda onda. Porém, não cabe a este estudo se estender nessa discussão.

segunda onda veio com a Igreja do Evangelho Quadrangular, Brasil para Cristo, e a Igreja Deus é amor, na década de 50 e 60, as quais privilegiam a cura divina. A terceira onda, também chamada de neopentecostal, surge com a Igreja Universal do Reino de Deus e Igreja Internacional da Graça de Deus no fim da década de 70 e início da década de 80 e têm características muito peculiares.

Essas igrejas neopentecostais são a que mais chamam a atenção no Brasil, devido ao seu crescimento extraordinário – segundo Mariano (2004), eles passaram de 3% em 1940 a mais de 15% em 2000 – e às suas inovações. Para o mesmo autor, quando se compara os neopentecostais com as outras duas ondas, há uma diferença significativa entre elas no que se refere à teologia. “Enquanto as duas primeiras ondas pentecostais não apresentam diferenças teológicas significativas entre si, verifica-se o oposto quando se compara o neopentecostalismo às vertentes precedentes.” (Mariano, 2004, pág. 36). Essas diferenças básicas que caracterizam o neopentecostalismo são: a “guerra contra o Diabo”, a Teologia da Prosperidade⁴ e a liberalização dos usos e costumes de santidade.

Já o protestantismo tradicional segue a doutrina da Reforma Protestante, feita no século XVI por Martin Lutero, e tem como exemplo as Igrejas Batistas, Luteranas, Anglicanas, Congregacional, etc. Elas chegaram ao Brasil, diferentemente das igrejas pentecostais, por intermédio de imigrantes europeus – especialmente alemães – e, de certa forma, são mais rígidas e tradicionais do que as igrejas pentecostais. Porém, com a expansão dos pentecostais no cenário religioso, algumas igrejas protestantes se viram “defasadas”, “ultrapassadas” e aderiram a características pentecostais. Essas igrejas protestantes tradicionais são comumente chamadas de “renovadas”, pois, apesar de terem aberto espaço ao pentecostalismo, possuem suas origens e denominações atreladas ao protestantismo tradicional. Neste trabalho, as igrejas tradicionais renovadas, como a Batista Renovada, Batista Pentecostal, Presbiteriana Renovada, etc, foram agregadas na categoria “outras igrejas pentecostais”, tendo em vista a semelhança de ênfase doutrinária entre elas e as igrejas pentecostais.

Assim como as igrejas protestantes tradicionais, a religião católica no Brasil também sentiu significativo declínio a partir, principalmente, da década de 70, conforme já citado anteriormente. Essa perda de fiéis – dentre outros fatores – resultou em processos de mudança dentro da própria igreja, tendo como principal expoente dessa mudança a chamada Renovação Carismática Católica (RCC). Segundo Valle (2004), “poder-se-ia dizer que a RCC é a principal representante de um segmento que tenta levar a Igreja Católica a assumir um caráter mais intimista e pietista que social, negligenciando seu papel na sociedade.” (Pág. 98). Tendo uma origem geográfica semelhante ao Pentecostalismo Protestante, a RCC surgiu nos Estados Unidos, em um grupo de universitários; além da mesma origem, a RCC também defende o reavivamento do cristianismo primitivo, com ênfase no batismo do Espírito Santo e nos seus dons. Porém, apesar de grande semelhança entre esses dois movimentos, a RCC continua fiel a três tradições católicas: “Nossa Senhora, a Eucaristia e o Papa” (Valle, 2004, pág. 100). A aceitação dessa nova vertente dentro da Igreja Católica ainda é controversa e polêmica, mas fato é que a RCC faz parte do cenário católico brasileiro atual e com suas mudanças e inovações surgem novos efeitos e implicações na vida dos fiéis. Nesse trabalho, porém, a categoria “católico” abrange tanto as Igrejas Apostólica Romana tradicionais como aquelas sob a influência da RCC.

Outro grupo que merece observações é o dos “sem religião”. O crescente aumento dos assim denominados nos Censos Demográficos suscitou (e continua suscitando) inquietações por parte dos pesquisadores da religião. Segundo Denise dos Santos Rodrigues (2010), os

⁴ Teologia da Prosperidade é a crença de que “o plano de Deus para o homem é fazê-lo feliz, abençoado, saudável e próspero em tudo” (Soares, 1985, pág. 141). Mariano (2004) vai problematizar esse conceito e colocá-lo quase como uma “obrigação” e prova de fé por parte do fiel.

“sem religião” são um grupo extremamente heterogêneo, com aglutinação de indivíduos distintos, sendo que “tudo que escapa ao padrão estabelecido pode encaixar-se potencialmente na categoria dos ‘sem religião’”. (Rodrigues, 2010, pág. 70). Isso ocorre, segundo a autora, devido a uma crise de pertencimento institucional religiosa, as quais, devido a um enfraquecimento, não mais fazem a intermediação entre o indivíduo e o transcendente. Assim, o indivíduo fica livre para exercer sua religiosidade sem estar comprometido a uma religião institucionalizada – seja ela a católica, a protestante, a budista, etc. Portanto, o grupo dos “sem religião” não implica, necessariamente, em ateísmo e em agnosticismo, mas sim que o indivíduo desse grupo “reserva-se no direito de exercitar sua religiosidade de forma independente, privada, distante das igrejas e templos, ou mesmo, de não exercê-la. Com isso, a religião passa a ser uma opção, de livre escolha, ou uma questão de foro íntimo” (Rodrigues, 2010, pág. 87).

RELIGIÃO E COMPORTAMENTO DE ADOLESCENTES E JOVENS

Em um artigo intitulado “Explanations for religious influence on adolescent sexual behavior in Brazil: direct and indirect effects”, Verona (2011) analisa como a religião pode afetar o comportamento sexual dos adolescentes brasileiros, e, baseada na sistematização teórica de Christian Smith (2003) para adolescentes norte-americanos, ela sugere duas vias de influência religiosa no Brasil: direta e indireta. Os efeitos diretos da religião são os mais perceptíveis, cuja ordem moral e ensinamentos religiosos são ditados explicitamente e orientam as ações, comportamentos e consciências (como por exemplo, a proibição do sexo antes do casamento e extraconjugal). Nesse sentido, essas diretrizes morais, os modelos – como os jovens pastores e jovens engajados nos seios das igrejas, especialmente das Pentecostais e das Católicas com influência Carismática – e as experiências espirituais também reforçam a ordem moral, incentivando um comportamento através do exemplo e reforçando os compromissos desses jovens através de uma experiência espiritual. Além desses efeitos de ordem moral, Verona acrescenta como podendo atuar diretamente no comportamento dos jovens as sanções religiosas – como a fofoca ou o banimento temporário das mães solteiras, que engravidaram antes do casamento – e as conseqüências do desvio, que causam culpa ou lamentação nos jovens que violaram alguma regra de conduta ditada pela religião.⁵

Os efeitos indiretos da religião no comportamento sexual dos adolescentes e jovens são mais sutis. Eles se mostram, segundo Verona (2011), através de conhecimentos e habilidades (“knowledge and skills”) adquiridos e proporcionados pelas igrejas nos encontros, nas leituras bíblicas, na evangelização, na liderança dos pequenos grupos, no contato com a música e com instrumentos musicais. Assim, o jovem religioso pode adquirir ou aumentar o seu capital cultural que, certamente, contribui ao bem-estar e a um maior status social, o que pode influenciar nas escolhas sobre idade ao casar e ter filhos. Além do capital cultural, outro efeito indireto da religião no comportamento sexual do jovem é o capital social. Um dos poucos espaços institucionais nos quais a divisão por idade não é tão rígida, a religião permite a interação entre jovens e adultos, o que também facilita a mobilidade do adolescente e do jovem para fins instrumentais. Esses efeitos indiretos podem desenvolver no adolescente e no jovem aspirações profissionais e de estudo, fatores que, como já se sabe, evitam ou adiam os resultados sexuais e reprodutivos.

⁵Verona (2011) cita como conseqüência do desvio, dependendo do grau de importância que o indivíduo dá à religião, um tipo de Dissonância Cognitiva, cuja característica é um estado mental desconfortante e conflituoso gerado por aquilo que acredita e a maneira como se comporta.

Uma constatação empírica da influencia e dos efeitos – diretos e indiretos – da religião no comportamento sexual dos jovens pode-se ter através do artigo de Mckinnon & Potter (2008), os quais mostraram, com base no Censo 2000 e controlando fatores sócio-econômicos e demográficos, que na Região Metropolitana do Rio de Janeiro as adolescentes de 15 a 17 anos que se declararam protestantes (exceto as filiadas a Igreja Universal do Reino de Deus) têm um terço de chances de ter um filho nascido vivo se comparadas às católicas⁶. Ou seja, conforme visto nos estudos teóricos (Verona 2011), as religiões protestantes (principalmente as Pentecostais) desencorajam e controlam melhor a fecundidade na adolescência, visto que elas tentam atrair mais adolescentes e jovens e criam espaços a esse grupo etário, mantendo com eles relações mais próximas e difundindo mais claramente nesse grupo normas e sanções punitivas a respeito de seus comportamentos sexuais.

METODOLOGIA

Para analisar a hipótese de que diferentes grupos religiosos têm diferentes tratamentos e ensinamentos sobre questões relativas ao tipo de união escolhido (formal ou informal), comparou-se, por religião, a natureza da última união estabelecida pela jovem. Portanto, foram consideradas neste artigo apenas jovens, entre 15 e 24 anos de idade, que já tinham sido, ou ainda são, unidas. A análise estatística será feita através de um modelo logito cuja variável resposta é 0 (se casada formalmente) e 1 (se casada informalmente).

No Censo 2000, a informação sobre religião foi coletada através da pergunta sobre qual a igreja que o entrevistado frequenta, permitindo assim maior detalhamento da informação. Este trabalho agregou essa variável em oito grandes grupos: 1)católicos 2)protestantes tradicionais Batistas 3)outros protestantes tradicionais 4)protestantes pentecostais Assembléia de Deus 5)protestantes pentecostais da Igreja Universal do Reino de Deus 6)outros protestantes pentecostais 7)os que se denominaram sem religião 8)outras religiões – incluída aí as religiões afro-brasileiras, espiritualistas, judaicas, hindus, budistas e outras.

RESULTADOS

A Tabela 1 apresenta a distribuição da amostra dividida em dois grupos etários, de 15 a 19 anos e de 20 a 24 anos, de acordo com as variáveis de interesse. Esses grupos etários se diferenciam pouco em relação à situação no domicílio, à composição religiosa e à cor ou raça. O quadro religioso da amostra continua sendo formado, em sua maioria, por católicas (78,5% entre meninas de 15 a 19 anos e 77,6% entre meninas de 20 a 24 anos), sendo que há maior porcentagem das “sem religião” no grupo etário mais velho, 4,7% e 4,3% no grupo mais jovem. A distribuição das jovens entre as igrejas protestantes, tanto Batista, como outras protestantes tradicionais, ou a Assembléia de Deus, Universal do Reino de Deus e as outras pentecostais se dá de maneira praticamente igual entre as faixas etárias. Entretanto, quando se observa as variáveis natureza da última união e quantidades de filhos tidos, há um grande contraste entre os grupos etários. Como era de se esperar, as meninas mais velhas, de 20 a 24 anos têm maior porcentagem entre as casadas, tanto aquelas que se casaram só no civil (7,1% das mais velhas contra 2,1% da faixa etária mais nova), aquelas que se casaram só no religioso (1,0% das mais velhas e 0,3% das mais jovens), ou aquelas que se casaram de ambas as formas (20,4% das mais velhas e 3,8% das mais jovens). Conseqüentemente, a

⁶Miranda-Ribeiro P, Longo LAFB, Potter JE (2010) também replicaram esse estudo para a Região Metropolitana de Minas Gerais.

porcentagem daquelas que nunca casaram é maior na faixa-etária de 15 a 19 anos (86,9%) e menor no grupo de 20 a 24 anos (54,1%).

Tabela 1 - Distribuição das variáveis entre as jovens de 15 a 19 anos e de 20 a 24 anos em Minas Gerais. C

Variáveis	15 a 19 anos	20 a 24 anos
Situação do domicílio		
Rural	17,6%	
Urbano	82,4%	
Religião		
Católica	78,5%	
Batista	2,4%	
Outros Protestantes Tradicionais	2,2%	
Assembléia de Deus	3,0%	
Igreja Universal do Reino de Deus	1,0%	
Outros Protestantes Pentecostais	5,9%	
Sem religião	4,3%	
Outras religiões	2,7%	
Escolaridade		
0 a 4 anos	15,5%	
5 a 8 anos	46,1%	
9 a 11 anos	37,6%	
12 ou mais	0,8%	
Cor ou raça		
Branca	51,8%	
Preta	7,3%	
Parda	39,9%	
Outras	1,1%	
Natureza da última união		
Casamento no civil e religioso	3,8%	
Casamento só no civil	2,1%	
Casamento só no religioso	0,3%	
União consensual	6,9%	
Nunca casou	86,9%	
Quantidade de filhos tidos		
Nenhum	88,3%	
Um ou mais	11,7%	

Fonte: IBGE - Censo 2000

A Tabela 2 mostra que as igrejas protestantes, tanto tradicionais como pentecostais – exceto a Universal do Reino de Deus – têm maior porcentagem de jovens casadas formalmente, se comparadas com as jovens católicas, cuja porcentagem de casamento formal é somente 57,6% e também com o grupo das “sem religião”, o qual tem o menor percentual de casamentos formais (33,5%). A Assembléia de Deus chega a 77,5% dos casamentos sendo

formais, ficando atrás a Igreja Batista e os outros protestantes tradicionais, com 73% de casamentos formais.

2 - Distribuição da filiação religiosa segundo casamento formal ou informal entre as jovens de 15 a 24 anos em Minas Gerais

Casamento formal

(referência) ou informalmente em Minas Gerais em 2000. Dois modelos são apresentados na Tabela 3. O Modelo 1 para o total das jovens é menor que a das adolescentes (entre 15 e 19 anos) de estarem em uma união informal. Da mesma forma, jovens da igreja Batista, de Cristo Evangelho de Deus. Estas têm 33% da chance das católicas de se unirem informalmente. Jovens da IURD (considerada uma igreja neo-Pentecostal) e jovens mais escolarizadas e que se auto-declararam brancas apresentam uma chance bem menor de se unirem informalmente, quando comparado com as residentes no meio rural.

de ser casada formal ou informalmente entre as jovens de 15 a 24 anos em Minas Gerais. Censo 2000

Modelo 1		
	Total de mulheres	Mulheres
	1,00	
	0,56 ***	
	1,00	
	0,51 ***	
	0,50 ***	
	0,33 ***	
	1,16 *	
	0,48 ***	

2,28 ***
0,95
1,00
0,78 ***
0,33 ***
0,21 ***
1,00
0,62 ***
1,00
2,41 ***

65.329

A Tabela 3 apresenta a razão de chance das jovens entre 15 e 24 anos serem casadas formal (referência) ou informalmente em Minas Gerais em 2000. Dois modelos são apresentados na Tabela 3. O Modelo 1 para o total de mulheres jovens e o Modelo 2 para aquelas que nunca tiveram filhos.

As mulheres entre 20 e 24 anos, residentes em Minas Gerais em 2000, apresentavam uma chance menor que a das adolescentes (entre 15 e 19 anos) de estarem em uma união informal. Da mesma forma, jovens da igreja Batista, de outras igrejas protestantes tradicionais, da Assembleia de Deus e de outras pentecostais apresentavam uma chance menor do que as católicas de se unirem consensualmente. Destaque deve ser dado ao grupo de jovens da Assembleia de Deus. Estas têm 33% da chance das católicas de se unirem informalmente. Jovens da IURD (considerada uma igreja neo-Pentecostal) e aquelas sem religião têm uma chance maior de estabelecerem uma união informal do que as católicas. A chance das primeiras é 16% maior em relação a das católicas a um nível de significância de 10%. As jovens mais escolarizadas e que se auto-declararam brancas apresentam uma chance bem menor de se unirem informalmente, quando comparadas com as jovens menos escolarizadas (0-4 anos de estudo) e com as não-brancas, respectivamente. Finalmente, as jovens que moram no meio urbano apresentaram maior risco de se unirem consensualmente do que as residentes no meio rural.

CONCLUSÃO

Estudos sobre a associação entre religião e a formação da família têm recebido crescente atenção na literatura internacional, especialmente nos Estados Unidos. Como o Brasil, este país tem experimentando grandes mudanças no contexto matrimonial. Entre algumas mudanças estão o adiamento do casamento, o aumento na taxa de coabitação, o aumento da fecundidade fora do casamento e o adiamento da fecundidade marital. A intensidade destas mudanças varia significativamente segundo variáveis socioeconômicas e demográficas, como idade, raça/cor, nível de escolaridade, participação no mercado de trabalho e ocupação, local de residência, entre outros.

Em geral, estudos sobre adolescentes e jovens e que examinam a associação entre religião e formação da família testam a hipótese de que aqueles que freqüentam regularmente igrejas que enfatizam o valor sagrado do casamento e que promovem ensinamentos sobre o assunto entre adolescentes e jovens, apresentam um menor risco de experimentarem uma união informal. Trabalhos de campo têm mostrado que algumas igrejas no Brasil, como as pentecostais, têm oferecido ensinamentos bastante claros sobre temas como namoro, início da

vida sexual e casamento. Verona (2010), em seu trabalho de campo, em Belo Horizonte, ao freqüentar atividades como cultos de jovens e palestras sobre sexualidade em uma igreja pentecostal, percebeu uma grande valorização do casamento. Um dos pastores explicou em uma palestra que “não é plano de Deus que você fique solteiro, você deve se casar”.

Os resultados deste artigo sugerem que jovens entre 15 e 24 anos das igrejas protestantes (tradicionalistas e pentecostais, exceto da IURD) residentes em Minas Gerais, em 2000, ao se unirem, seguiram orientações de suas igrejas ao preferirem o casamento formal ou evitarem o informal.

REFEÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

DIAS JÚNIOR, C.S. Comportamento reprodutivo: Uma análise a partir do grupo ocupacional das mulheres. Tese (Doutorado em Demografia), Universidade Federal de Minas Gerais. 2007

FRESTON, P. C. Nem Anjos nem Demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Ed Vozes. 1994

JACOB, C.R. A diversificação religiosa. Estudos Avançados 18 (52): 9-11, 2004.

MARIANO, R. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. Estudos Avançados, São Paulo, v. 18, n. 52, p.121-138, dez. 2004

_____. Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. Ed. Loyola: São Paulo, 2005

MIRANDA-RIBEIRO, P., LONGO, L. A. F. B. e POTTER, J. E. Deus dá, Deus tira? Uma análise preliminar da relação entre fecundidade na adolescência e religião em Minas Gerais, 2000. In: ENCONTRO DE ECONOMIA MINEIRA, 17., 2010, Diamantina. Anais... Belo Horizonte: Cedeplar, 2010. p. 1-25.

MCKINNON, S., Potter, J. E., Garrard-Burnett, V. Adolescent fertility and religion in Rio de Janeiro, Brazil in the year 2000: The role of Protestantism. Population Studies 62 (3): 289-303, 2008.

PIERUCCI, A. F., “Bye Bye Brasil” – O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. ESTUDOS AVANÇADOS 18 (52), p. 17-28, 2004.

_____. Religião como um solvente – Uma aula. Novos Estudos 75, p. 111-127, 2006.

RODRIGUES, D. S. Juventude sem religião: uma crise do pertencimento institucional no Brasil. *Teoria e Sociedade* nº 18.1 p. 66-93, 2010.

SARAGOÇA, Y. C. B. Evangelizando “homens de negócios”: o Pentecostalismo e o Empresariado. Dissertação. (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade Federal de São Carlos, 2003.

SMITH, C. Theorizing religious effects among American adolescents. *Journal for the Scientific Study of Religion*, v. 42, n. 1, p. 17-30, 2003.

VALLE, E. A renovação carismática católica: algumas observações” *Estudos Avançados* 18 (52): 97-107, 2004

VERONA, A. P. A. Explanations for religious influence on adolescent sexual behavior in Brazil. *R. bras. Est. Pop.*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 187-201, 2011.

VERONA, A. P. A. Sexual initiation and religion in Brazil. Tese (Doutorado em Sociologia). University of Texas at Austin, 2010.

WEBER, Max. “A Psicologia Social das Religiões Mundiais”. In *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1982.